



Economia solidária e produção agroecológica na visão dos agricultores participantes da Feirinha Solidária da UFU

Solidarity economy and agroecological production in the perception of farmers participating in the UFU Feirinha Solidária

CALLE, Orly Denisse¹; BETANHO, Cristiane²; FERNANDES, José Eduardo³
^{1,2,3} Universidade Federal de Uberlândia; ¹ orlydenisse@gmail.com; ² crisbetanho@ufu.br; ³ eduambienta@ufu.br

Eixo temático: Economias dos sistemas agroalimentares de base agroecológica

Resumo: O objetivo deste Relato de Experiência é refletir sobre a construção coletiva da Feirinha Solidária da UFU na ótica dos agricultores agroecológicos que dela participam. Trata-se de recorte de Pesquisa-Ação desenvolvida na incubadora de iniciativas populares que coordena o projeto. Os resultados mostram que a escolha de uma produção agroecológica dentro do marco da economia popular solidária origina uma vida satisfatória, com melhor qualidade e saúde, superando as carências de quando trabalhavam individualmente.

Palavras-Chave: produção agroecológica; construção coletiva; Economia Popular Solidária.

Keywords: agroecological production; collective construction; Popular Solidarity Economy.

Contexto

O Núcleo de Agroecologia e Produção Orgânica da Universidade Federal de Uberlândia (NEA/UFU) foi criado em 2013, captando recursos no Edital MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq 81/2013. Foi institucionalizado no Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps), organismo da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFU que tem como missão assessorar coletivos de trabalhadores que desejem organizar iniciativas produtivas a partir dos princípios da Economia Popular Solidária (EPS). Com atividades que evidenciam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o Cieps atua junto a Organizações Produtivas Solidárias (OPS) de catadores de recicláveis, coletivos de arte-cultura popular e de agricultores familiares em transição agroecológica.

O termo agroecologia resulta da confluência histórica entre diferentes trajetórias de crítica e mobilização social em reação aos impactos sociais e ambientais gerados pelo processo de modernização da agricultura ocorrido no Brasil a partir dos anos 1970 (SCHMITT; TYGEL, 2009). Caporal e Costabeber (2002) afirmam que a agroecologia é uma ciência que estabelece as bases para a construção de estilos de agricultura e de estratégias de desenvolvimento rural sustentável. Para os autores, a agroecologia se consolida como enfoque científico na medida em que este campo de conhecimento se nutre de outras disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos agricultores, permitindo o estabelecimento de marcos conceituais, metodológicos e estratégicos com maior capacidade de orientar



não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, mas também processos de desenvolvimento rural sustentável. Assim, incorporando dimensões mais amplas e complexas, que incluem tanto variáveis econômicas, sociais e ambientais, como variáveis culturais, políticas e éticas da sustentabilidade.

Este Relato de Experiência reflete sobre a construção coletiva da Feirinha Solidária da UFU a partir da visão dos agricultores agroecológicos, descrita na seção a seguir.

Descrição da Experiência

A Feirinha Solidária da UFU é um espaço de formação e relacionamento, dentro dos limites dos *campi* da Universidade Federal de Uberlândia. Foi fundado em 2015, quando os primeiros agricultores que aderiram à proposta de formação política e técnica em agroecologia a partir do trabalho do NEA/UFU concluíram seu período de transição. O projeto tem como objetivo desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes que proporcionem aos trabalhadores ocupar espaços de mercado sem intermediários, superando a exploração por atravessadores e melhorando sua renda. Sobretudo, pretende-se referenciar socialmente a relação dos trabalhadores do campo em relação aos seus pares da cidade, avançando na construção de redes de produção e consumo crítico e solidário.

Este Relato de Experiência objetiva refletir sobre a construção coletiva da Feirinha Solidária da UFU na ótica dos agricultores agroecológicos que dela participam. Trata-se de um recorte da Pesquisa-Ação (PA) desenvolvida no assessoramento dos coletivos incubados no Cieps. Metodologia flexível ao diálogo indispensável entre áreas de conhecimento diferentes (THIOLENT, 1997), como as que são acionadas na reflexão crítica necessária ao desenvolvimento de novos processos de produção e comercialização, a PA fomenta a participação no desenvolvimento do processo de incubação e na troca de experiências entre comunidade acadêmica, sociedade civil organizada, poder público, trabalhadores, sociedade e consumidores, e facilita a apropriação dos conhecimentos.

Para este trabalho, foram realizadas entrevistas com 3 agricultores agroecológicos para entender suas motivações para produzir alimentos sem agrotóxicos, tendo a economia popular solidária como base de organização da produção e da comercialização. O período de coleta das impressões dos produtores se deu entre maio e junho de 2019 e as falas foram gravadas e transcritas para análise de conteúdo, sendo os agricultores identificados como P1, P2 e P3. Os resultados e suas implicações para o avanço da experiência são apresentados na seção a seguir.

Resultados

A economia popular solidária é resultado de mudanças ocasionadas por um conjunto de fatores socioeconômicos que levaram os trabalhadores a uma situação de exclusão e pobreza (SINGER, 2004). Vasconcelos (2007) reporta-se a Tauile (2001)



para quem os traços mais característicos da economia solidária seriam a reciprocidade como centro de sua ação econômica, sendo que as pessoas se associam numa base voluntária com o objetivo de satisfazer necessidades sociais, culturais; e a vontade coletiva de empreender, em que não existe a busca de retorno econômico sobre o investimento individual dos associados.

Os produtores agroecológicos que formam parte de Feirinha Solidária da UFU consideram como um fator motivador para sua participação o fato de quererem viver uma vida mais saudável, produzindo seus próprios alimentos sem agrotóxicos e vendendo só o excedente da sua produção. Essa motivação aparece na totalidade das entrevistas:

A minha motivação é minha própria escolha de vida, eu decidi viver mais saudável, comendo melhor, com mais qualidade e mais próximo do campo, (...) comida sem veneno, comida pura, que eu mesmo produzo, e começou a ter um excedente, começou a ter abundância e comecei a pensar o que eu vou fazer com ela para não haver desperdício, aí a gente encontrou a universidade, os alunos, os professores, e surgiu essa ideia de participar na feirinha... (P3)

Para Alves (2008), a viabilização econômica de pequenas explorações agrícolas não é fácil, porque as condições macroeconômicas normalmente são adversas à agricultura familiar e as políticas públicas de apoio a produção são limitadas. A diversificação produtiva, a agregação de valor aos produtos cultivados e a organização dos produtores rurais em associações ou cooperativas contribuem para melhorar as condições de vida dos produtores rurais (FINATTO; CORREIA, 2011). O espaço foi referenciado como uma oportunidade para eles melhorarem sua qualidade de vida (na totalidade das entrevistas):

(...) antes a gente produzia, não tinha para onde escoar, a gente andava na rua vendendo de porta em porta, às vezes também jogava muito disso fora, (...), e com isso nós vivíamos muito pior, ficava mais difícil para ter uma vida boa e agora a gente está melhorando de vida (P2)

Gaiger (2003) afirma que as OPS são organizadas por pessoas que buscam um novo ideal de negócio, baseado na coletividade, na autogestão e na solidariedade. Para Betanho e Fernandes (2017) a classe trabalhadora, organizada por meio dos princípios da EPS, deve buscar o objetivo de construir uma sociedade sustentável, que supere as relações de exploração da economia de mercado. O interesse por fazer trocas paritárias com a sociedade foi observado na totalidade das entrevistas:

(...) a preocupação da gente que não é tanto a renda, é o bem-estar da família né, da família do produtor, a gente está no campo lá trabalhando, e a família dos nossos clientes que vêm visitar a gente. O lucro, se vier, como se diz, é lucro, mas a gente não visa tanto o lucro não, a gente não é capitalista como se diz, a gente é da economia solidária (P1)

Betano e Fernandes (2016) afirmam que, se é o trabalho social que produz as mercadorias, são os trabalhadores que devem apropriar-se do sobrevalor gerado por esse trabalho. Todos os produtores entrevistados mostraram sua satisfação de ter



um espaço em que eles podem oferecer seus produtos e que ajude melhorar sua qualidade de vida:

Há 4 anos que a gente faz a feirinha aqui, mas que a gente está trabalhando no orgânico e na agroecologia é desde 2010, antes a gente fazia cesta, a gente vendia de porta em porta, tentamos uma loja no mercado que não foi muito bem e a gente está aqui na feirinha e estou satisfeito (P1)

A Feirinha também foi referenciada por todos os entrevistados como um espaço que capacita os trabalhadores em diferentes temas para que possam oferecer produtos agroecológicos de qualidade, aparecendo claramente refletido o cultivo de relações de solidariedade entre eles e com os consumidores:

Com a incubadora a gente já fez várias capacitações, treinamento para agroecologia, a gente fez capacitação para comercialização e mais a capacitação que ocorre no aprendizado diário né, a própria vivência do consumidor (...), a nossa venda direta sem o atravessador. Fizemos também viagens voltadas para agroecologia, fora do nosso contexto, de nossa região, a gente conheceu outras regiões, através da incubadora (P3)

Finalmente, foi perguntado aos produtores se eles tinham sugestões ou recomendações de melhoria para a Feirinha. Em todas as manifestações, apareceu o respaldo ao projeto. Também aparece a visão de construção coletiva do espaço entre agricultores e incubadora para conseguir melhorar o trabalho:

Eu acho que não tem uma recomendação, não tem uma receita, não tem uma forma de acontecerem as coisas (...) Nós, a incubadora, vamos construir aos poucos, a gente vê algumas possibilidades de melhoria e a gente dá como sugestão, a incubadora ouve e dá o retorno, em outra hora a incubadora cobra da gente alguma coisa diferenciada, a gente dá nosso retorno (...). A gente vai percebendo as dificuldades, as facilidades, vamos nos adaptando (...) conforme as necessidades, conforme o que pode acontecer principalmente com relação ao consumidor. Por exemplo, quantas coisas a gente não tinha para trazer e com o pedido do consumidor a gente trouxe (...). Eu acho que é uma construção coletiva, eu acho que é legal, isso é economia solidária, não é a incubadora impor o que ela pensa, nós impomos o que nós queremos, eu acho que essa construção tem que ser debatida, dialogada, votada e o que a gente não concorda a gente não prega, e assim por diante, acho que dá certo assim (P3)

Processos de formação para o trabalho não alienado são fundamentais para a percepção de necessidades e superação das contradições. Aliar dinâmicas que consigam mediar o conhecimento técnico que deve ser dominado e subordinado aos interesses dos trabalhadores, e ao mesmo tempo associar práticas formativas que apontem para a tomada de consciência do trabalhador enquanto ser socialmente histórico, são os desafios do processo de formação que se pretenda emancipatório, que aponte para a superação tecnicista e possibilite que os trabalhadores transfiram e gerem conhecimento, e subordinem as tecnologias às suas necessidades, agregando valor para si, seus pares e a sociedade.

Agradecimentos

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



Este trabalho é resultado parcial do projeto Apoio a Continuidade do Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica da Universidade Federal de Uberlândia, apoiado por MCTIC/MAPA/MEC/SEAD - Casa Civil/CNPq, executado a partir do Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps/PROEXC/UFU).

Referências bibliográficas

ALVES, A.F. Conhecimentos Convencionais e Sustentáveis: Uma visão de redes interconectadas. In: ALVES A.F.; CARRIJO, R.B; CANDIOTO, P.L.Z. (org.). **Desenvolvimento Territorial e Agroecologia**. São Paulo: Expressão popular Ltda., 2008.

BETANHO, C.; FERNANDES, J.E. **Comercialização & Mercados**. Uberlândia: UFU/PROEXC/CIEPS, 2016.

BETANHO, C.; FERNANDES, J.E. Economia Popular Solidária: origens, conceito, limites e desafios. In: FERNANDES, J.E.; BETANHO, C. (orgs.). **Economia Popular Solidária** - nosso Sul: a transformação pela solidariedade. Uberlândia: Navegando, 2017.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise Multidimensional da Sustentabilidade: Uma proposta metodológica a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre 3, n. 13: p. 70-85. 2002.

FINATTO, R. A.; CORRÊA, W. A organização da Agricultura familiar de base agroecológica em Pelotas/ RS. **Campo Território: revista de geografia agrária**, v. 6, n. 11, p. 280 – 311, fev., 2011.

GAIGER, L. I. **A Economia Solidária frente a novos horizontes**. São Leopoldo, Unisinos, 2003.

SCHMITT, C. J.; TYGEL, D. Agroecologia e Economia Solidária: trajetórias, confluências e desafios. In: PETERSEN, P. **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

SINGER, P. A. **Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário**. São Paulo, Revista de Estudos Avançados, número 51, 2004.

TAUILE, José Ricardo. **Do socialismo de mercado à economia solidária**. Texto submetido ao seminário internacional “Teorias do desenvolvimento no novo século”, 2001. Internet [<http://www.ie.ufrj.br/prebisch/pdfs/16.pdf>] Capturado em 22/06/2019.

THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte nos
Sistemas Agroalimentares



VASCONCELOS, C. T. A. A economia solidária na construção social do desenvolvimento territorial. In: Ortega, A. C. e Filho, N. (org.). **Desenvolvimento Territorial, Segurança Alimentar e Economia Solidaria**. Campinas, SP: Alinea, 2007.